

O FUTURO NA PERSPECTIVA DA CONTRA-CULTURA

Por Theodoro Roszak

(Transcrição de uma palestra proferida na reunião do Comitê de Trabalho do Departamento de Igreja e Sociedade do Conselho Mundial de Igrejas, junho, 1971).

O Professor Roszak é autor de *The Making of a Counter-Culture*, livro que tem tido ampla repercussão.

Nota da Tradutora: — Para ilustrar as suas observações, o Prof. Roszak emprega a figura de um brinquedo de crianças (conhecido por algumas pessoas como caixa de surpresa), que consiste de um boneco, ou um bichinho, preso ao interior de uma caixa, e acionado por u'a mola. Quando se abre a tampa da caixa, acionando a mola, o boneco salta à vista, causando surpresa, às vezes susto. O brinquedo é conhecido, em inglês, como "Jack-in-the-Box" — nomenclatura esta que adquire importante sentido metafórico nos comentários do preletor. Por exemplo, o título da palestra, no original, consiste de uma indagação: "Can Jack Get Out Of His Box?" (Poderá o Jack sair de sua caixa?) E, de saída, o autor faz a seguinte afirmação: "O Jack está na caixa; não sabe que está lá dentro; deve sair." Não foi fácil encontrar uma tradução satisfatória, que conservasse a clareza do sentido figurativo do original. Optamos, afinal, pelo simples João. Pedimos aos leitores condescendência e imaginação.

Desejo introduzir as minhas observações com três proposições de teor ilustrativo: o João está fechado na sua caixa. Não se dá conta disto. Tem de sair da caixa.

Grande parte do problema que enfrentamos hoje, pode ser compreendido em função da limitadíssima "anatomia de consciência" (1) que domina o nosso pensamento, nossas ações, nossa cultura, nossa sociedade, o nosso encontro aqui. Estamos presos a uma visão e experiência da realidade, que dependem quase que exclusivamente das percepções visuais e auditivas, e das expressões verbais.

Se eu procurasse desviá-los dessa "anatomia" (isto é, se eu tivesse a capacidade

de fazê-lo, o que, aliás, não tenho, pois sou, também, tanto quanto vocês que me ouvem, um pregador de palavras), sem dúvida, achariam o meu procedimento muito estranho, excêntrico, talvez chocante. Provavelmente diriam: ele está se tornando irracional. Se, por outro lado, percebessem que o seu próprio estado de consciência estava escapando a essa "anatomia", é possível que começassem a ter sentimentos de culpa, e teriam, então, de voltar novamente à "posição de sentido" e captar de novo aquele estado habitual e mantê-lo firme; pois, do contrário, se sentiriam irresponsáveis, ou mal-educados, e desejariam então regressar o mais rápido possível a essa "anatomia" que lhes é própria.

Se este conclave for bem sucedido, ter-nos-á conservado a todos, durante o maior tempo possível, e com a intensidade e persistência possíveis, neste estado de consciência, ou percepção, que caracteriza a condição, a "anatomia", a que me refiro. E é por isso que ele está assim organizado, com horários apertados, programação de palestras e trabalhos, e assim por diante. Aliás se não se procedesse assim, teríamos receio de estar perdendo tempo; porquanto é justamente isto que se costuma fazer numa reunião como esta. Quando se torna muito difícil manter esse estado de consciência, saímos para tomar café: a cafeína serve para reforçar a habitual anatomia, aprimorar o desejado estado de consciência, e então voltamos, e

(1) Outro problema de tradução: o preletor emprega a expressão, bastante original, "anatomy of awareness", para definir o seu pensamento. "Awareness" — uma das três palavras inglesas que se traduzem por "consciência", é a de sentido mais amplo; refere-se ao estado geral de consciência. "Anatomy" parece ter aqui, o sentido de toda a complexidade de estrutura interior, de condicionamento e vivência, etc., que geram e sustentam determinada condição de existência. Para não fugir ao sentido bastante orgânico que caracteriza o pensamento do autor (e dada a dificuldade de encontrar outra expressão que transmitisse com fidelidade o seu sentido), resolvemos adotar uma tradução literal, cujo significado se elucidará no contexto.

aguentamos mais um pouco. É cansativo manter-se com rigor neste estado; sustentar vigorosamente esta anatomia de consciência, torna-se muito fatigante. E isto será sinal de que trabalhamos muito, o que, por sua vez, dará a medida exata da nossa virtude: não ficamos à toa, não perdemos tempo. E, se tudo quanto se proferir aqui for aplaudido, se for considerado intelectualmente respeitável, terá sido muito bem formulado, eloquente, muito lógico e preciso, muito calmo e desapaixonado, altamente racional. Prosseguirá em sentenças e parágrafos bem compostos. Os participantes não interromperão uns aos outros, não farão barulho, não demonstrarão impaciência, nem ansiedade, nem irritação; enfim, controlarão tudo quanto não faz parte da habitual anatomia de consciência. Simplesmente não tomarão conhecimento do extraordinário desconforto, e das restrições que nos impõem esta sala, estas cadeiras, e outras coisas que nos cercam. Enfim, não fugirão do assunto.

Agora, pois, vejamos: essa anatomia à qual me refiro constitui, de fato, a forma de consciência em que todos nós fomos sistematicamente moldados, desde o jardim-de-infância, como modelo intelectualmente respeitável de comportamento. Na educação que recebemos, teria havido, porventura, uma sugestão sequer de que o intelecto tivesse algo a ver com outros aspectos, ou canais, ou formas de consciência? Desde a in-

fância, fomos ensinados a ficar sentados, quietinhos, a não mexer, a não nos deixarmos distrair, a prestar atenção; ensinaram-nos a ler e a escrever, a contar e fazer contas, a falar corretamente; e depois, sempre que demonstrássemos fidelidade e aptidão no exercício dessa anatomia, e quando a praticássemos de forma altamente desenvolvida, éramos generosamente premiados. E, à medida que se galgam os degraus sucessivos da educação, até que se atinge o nível superior, essa anatomia se torna cada vez mais dominante. Nas escolas elementares, pelo menos há o recreio, quando se pode lembrar, ou fazer de conta, que existe um corpo; mas, quando se chega no curso universitário, até isso desaparece, e, para quem alcança a pós-graduação, não resta mais nada, durante todo o decorrer da vida profissional.

O que me interessa aqui, é o domínio cultural exercido, em nossa sociedade, por essa anatomia, tanto que, nada que se contraponha a ela — seja a arte, ou o ritual, a adoração extasiada, o arrebatamento visionário, a comunhão mística, ou linguajar rapsódico, seja o sentimento erótico — a nada disto se atribui, hoje, valor senão marginal, subsidiário: talvez, em pequenas doses, de vez em quando, para efeito terapêutico ou recreativo, um prazer privado, quem sabe. Conforme dizem alguns antropólogos, a arte, no mundo ocidental, ocupa a mesma posição de um parque nacional: é uma área reservada, aonde se vai

de vez em quando, para descontraír-se, ou por simples prazer, mas que nada tem a ver com o mundo real que existe lá fora.

Em nossa sociedade, ser racional, ser realista, ser responsável, é insistir na hegemonia rigorosa dessa anatomia. Somente ela conta, somente ela constitui um contato seguro com a realidade, somente ela representa o exercício das faculdades superiores. Tanto assim, que, até mesmo quando nos voltamos para o estudo do comportamento irracional na sociedade, não se trata de outra coisa senão a inversão dessa anatomia. O inconsciente se torna, então, neste modelo, uma espécie de máquina geradora; torna-se categorizado, objetivado, porém não experimentado.

Ao meu ver, quem for dotado de alguma simpatia, de certa sensibilidade, percebe logo que isto não representa um estado-de-ser lá muito agradável. Sem dúvida, essa anatomia não é uma condição em que se queira permanecer por muito tempo. Pois constitui uma parcela demasiadamente pequena de tudo quanto somos, para que nela possamos viver a longo prazo. É a condição que o poeta inglês, William Blake, diagnosticando o mal de que padecia Albion (2), caracterizou como "uma casa estreita e

escura." Do exercício dessa anatomia, porém, decorre uma vantagem rara e singular: o poder, poder este que torna possível a manipulação e o controle material. Pois ela já existe, dentro de nós, como uma anatomia de controle rígido, uma psicologia de implacável auto-controle e auto-manipulação. Representa a subordinação de tudo quanto o organismo é, uma pequena parte do próprio organismo, à sede do corpo inteiro, e, mais, a censura de todo o ser não-intelectivo. Aquilo que conhecemos por ciência, e a tecnologia como seu braço operante dela, é a projeção dessa psicologia para o mundo exterior — o estudo do homem, da natureza; e dessa temática decorrem o exílio, a repressão, a eliminação de tudo quanto essa psicologia por incapaz de compreender; e, assim, chegamos a uma realidade moldada de conformidade com as aptidões de uma pequena parcela de consciência humana. Então se afirma que conhecer, mais e mais minuciosamente, essa realidade reduzida, é possuir conhecimento; e conhecer qualquer outra realidade senão aquela, é ser louco, excêntrico, esquisito, suspeito, jamais eficiente ou responsável. Estou pronto a afirmar — embora não pretenda gastar tempo, aqui, na elaboração do esquema que é justamente sobre a base deste conhecimento-poder que se constrói, numa intensidade que se avoluma, com o passar do tempo, a política dominante do século vinte. E a expressão máxima, final disto que se

(2) "Albion" refere-se à Inglaterra; é o nome dado, na antiguidade, às Ilhas Britânicas.

busca, a que se aspira, embora não seja alcançado totalmente, é o que entendo por tecnocracia. Não no sentido de uma conspiração, de uma imposição da ordem vigente do "establishment", mas de um sistema que se dirige rumo a certo ideal, ideal este de natureza cultural. O máximo de poder sobre o eu, sobre a sociedade, sobre o meio-ambiente, tendo por objetivo o controle.

A contra-cultura tem início com a consciência de que aquilo que essa habitual anatomia nos permite conhecer, não é o mundo, mas apenas uma pequena parcela dele, um cubículo, ou seja, uma caixinha minúscula nele contida. E o projeto da contra-cultura é livrar-se dessa caixa que nos encerra, fragmentando-a completamente, a fim de desvencilhar-se das restrições que a velha anatomia impõe, e descerrar novos caminhos e horizontes de consciência. Nas palavras do mesmo Blake, "purificar as portas da percepção." A contra-cultura é uma coisa amorfa, e comete muitos desatinos que não procurarei desculpar. Todavia, no seu melhor sentido, constitui uma espécie de aperitivo; oferecido a todos, um aperitivo muito indiscriminado de tudo quanto essa anatomia tem vedado à consciência humana e à cultura ocidental. Não é nisto que se resume o que presenciemos? Basta lembrar o que vem acontecendo entre os jovens: os delírios angelicais e as drogas, o ocultismo e o ritual, a magia e a superstição, a religião exótica, a meditação e o apri-

moramento da sensibilidade, o contra-agrupamento, o misticismo, o culto da natureza, o neuroticismo, os altos e os baixos, o êxtase, os mitos e os contos de fadas, a tradição Shamântica, a música dionisiana e os jogos de luz que desorientam o aparelho sensorial dominante... tudo isto e, mais, a paixão pela infância, pelo extravagante e o indômito, a fascinação com a loucura e a sabedoria do corpo — tudo faz parte de um conjunto, que representa uma exaustão, generalizada, amorfa, sem rumo, resultante das limitações dessa anatomia de consciência dominante. Há pessoas que já vivem plena e integralmente numa anatomia de consciência totalmente diversa; pois os olhos e o ouvido não estão ligados exclusivamente aos centros verbais do corpo, com os quais, aliás, o seu contato é bastante frágil. No seu ver e ouvir, tais pessoas não prestam muita atenção aos livros, às preleções, ao linguajar. Já descobriram outras formas de envolvimento, tonalidades e texturas que os olhos e os ouvidos não percebem. Não atendem, propriamente, às conexões lógicas e numéricas. O que lhes prende antes a atenção, são as cores deslumbrantes, os sons reverberantes.

Quando se grita e se canta, quando se extravasa a alegria e a exuberância, isto é ter consciência de que existe um corpo, e de que, aquilo que dele procede — os ritmos da respiração e do sangue — são mensagens importantes, talvez o que de mais fundamental se passa no

próprio ser. Neste instante, por exemplo, a coisa mais importante, provavelmente, a mais real, que está se dando com qualquer um de nós que aqui estamos, nada tenha a ver com o que estou dizendo e vocês estão ouvindo, ou com os apontamentos que estão fazendo, e sim com o que se processa no próprio sangue, em nossas entranhas, o modo de respirarmos ou de deixarmos de respirar. Tudo isto, certamente, está muito mais intimamente ligado àquilo que somos — a quem somos — e ao que pensamos e àquilo com que estamos comprometidos, do que qualquer coisa que possamos dizer com palavras. E, quando nos permitimos ser bem vivos e sensíveis, já sabemos disto.

O único futuro que me interessa, é aquele onde essa anatomia de consciência que aqui esbocei tiver sido subordinada ao seu devido lugar, estritamente secundário, no todo da estrutura humana — não destruída, mas subordinada; reconhecida como parte, mas uma parte apenas, de toda a gama psíquica, experimentada na sua plenitude.

Será isto irracional, será anti-científico? Sem dúvida, significa propor o fim da predominância daquilo que alguns entendem por razão, e alguns por ciência. E, se tiver de ser, assim seja. Se a razão e a ciência não forem capazes de ampliar-se, a ponto de abranger — além de meras informações e conhecimento teórico de matérias e disciplinas — a

plenitude da psicologia humana e do organismo humano, o êxtase e a visão, a energia erótica, a percepção mágica; se não forem capazes de se expandir, a ponto de incorporar esses fenômenos, nos seus próprios termos, não na versão que a velha anatomia lhes pretende dar — então elas não ocupam lugar de grande destaque no meu futuro. A única coisa que posso acrescentar — e espero ser bem compreendido — é esta: se isto for irracionalidade, então façam dela o que lhes convier.

Creio que isso implica num convite, num desafio, que levará à demolição dessa anatomia, à subordinação dela ao seu devido lugar. Significa vislumbrar um futuro em que a ascendência cultural da ciência, e da tecnologia que nela se baseia, terão fim, como também a política que tem por base a ciência. Creio que significa, também, o fim do industrialismo urbano, como forma dominante de vida — o qual será posto de lado, como experiência arrojada, dramática, de grandiosas proporções, mas, em última análise, uma experiência fracassada. Sejam realistas, por um milagre!

Creio que, em última análise, isto significa o fim de todas as instituições alicerçadas nessa anatomia: o sistema escolar, a universidade, as estruturas burocráticas de toda espécie; e, assim também, das religiões e das igrejas que confundiram credos, dogmas, teologia e

pregação com a visão divina, e substituíram palavras, muitas vezes errôneas, pela Palavra. Pois ao meu ver não é por simples coincidência que a nossa cultura cientizada tenha as suas raízes numa sociedade cristã e, mais particularmente, numa sociedade protestante, onde mais se tem feito teologia, e se tem literalizado mais a religião, do que em qualquer outra parte do mundo. Aí está a predominância dessa anatomia de consciência.

Para encerrar, permitam que eu volte à figura inicial do João, e da caixa em que ele se encontra, e lhes narre a sua história, numa espécie de projeção do futuro, tal como este se esboçará, segundo me parece, para um crescente número de pessoas. Não faço prognósticos sobre quem serão os vencedores e quem os derrotados; mas creio que, para alguns João-Enquadrados, a coisa se dará mais ou menos assim:

Com a palavra o João, que vem atravessando certas fases de evolução e desenvolvimento. "O que é que você quer dizer, estou fechado numa caixa? Estou no único lugar que há para a gente estar... Pois bem, estou na minha caixa, enquadrado, se quiser. E daí? Gosto dela. É o melhor lugar que há. Vou muito bem, obrigado. Só Deus sabe o que existe lá fora. Caixinha gostosa, segura... Para dizer a verdade, isto às vezes fica um pouco abafado e apertado aqui dentro, confesso. Mas, ficar num ambiente

assim, fechado e estreito, me dá uma sensação de responsabilidade, de heroísmo até. Às vezes, faz bem a gente sentir-se infeliz, desgraçada; dá oportunidade para que se manifestem as nossas qualidades superiores. Além disso, não é preciso que esta caixa seja tão incômoda. Posso atapetá-la toda (está na moda!), instalar um aparelho de ar condicionado. E olha, tenho um toca-discos novo, estereofônico, bacana. Com um pouco de esforço, a gente pode transformar esta caixinha num verdadeiro palacete, pra se divertir à vontade... Se eu não sair logo desta caixa, fico doido. Já estou ficando louco, todo mundo aqui dentro está louco. Então, louco é normal, e daí, eu me adianto... Não, não tem mais jeito. Tenho de sair daqui, nem que seja pela metade, ao menos um pouquinho, de vez em quando, talvez só nos fins-de-semana — semana inglesa!... Estou fazendo um curso de treinamento de sensibilidade. Sabe? tem gente vivendo do lado de fora desta caixinha. Tem, sim, eu vi, e pareciam muito alegres. Acho que são felizes. Já nem sei mais o que é alegre, o que quer dizer feliz. Talvez, se eu sáísse desta caixa só por um tempinho, umas duas semanas, quem sabe, no máximo um mês, só para ver como é..."

E, finalmente: "Que caixinha minúscula, sozinha, lá no meio do universo. Dizem que, antigamente, morava gente lá. Mas é difícil acreditar."

TEMPO E PRESENÇA EDITORA LTDA.

DISTRIBUIDORA DO CEI

Lançará em junho seu segundo livro

LIBERDADE E FÉ

5 capítulos e 5 autores

1. Deus Morreu, Viva Deus! — Rubem Alves
2. Indicações para uma Hermenêutica Política do Evangelho — Jürgen Moltmann
3. Notas para uma Ética de Libertação — Júlio de Santa Ana
4. A Tolerância Cristã numa Sociedade Pluralista — Hubert Lepargneur
5. Sacerdócio, Serviço da Liberdade — Gilberto Gorgulho

COM A PRÓXIMA EDIÇÃO DO CEI

Você receberá, com mais de 30 páginas,

SUPLEMENTO

- Informação Bibliográfica
- Reflexões Teológicas e Pastorais

Entre os autores: **Rubem Alves**
Paulo César Bottas
Breno Schumann